

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 22 de junho de 2016**

Textos de referência: J. Carrón, “Introdução”, em “Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada”, supl. de Passos, julho 2016, pp. 4-18.

- *L’illogica alegria*
- *Canzone del melograno*

Glória

Carrón: Comecemos nossa última Escola de Comunidade antes das férias de verão [europeu] retomando ainda a Introdução dos Exercícios da Fraternidade. Um ponto bastante crucial, que suscitou interesse, foi o que Bento XVI disse sobre a justificação de Deus perante nós e seu estilo suave. Eu me pergunto quantos de nós percebeu, nas canções que ouvimos há pouco, algum detalhe que ajude a aprofundar este tema. Porque o modo com o qual Deus se justifica pode ser “um nada”, “uma pequena centelha / algo já vivido / uma paisagem que já conheço”. Em quê é possível ver isso? Pelo fato de que “eu estou bem [é tão correspondente que, quando percebo, eu fico bem] / exatamente agora, exatamente aqui” (*L’illogica alegria*, letra de A. Luporini, música de G. Gaber). Então, a questão é: no decorrer deste mês, em quantas ocasiões nós reconhecemos essa justificação de Deus num pequeno “nada” que nos aconteceu? Quando este reconhecimento nos fez descobrir uma correspondência? É possível dizer a mesma coisa em relação à segunda canção: “A casa para onde posso voltar”. O que cada um de nós pensou quando ouviu esta frase? Onde me sinto em casa? Para onde quero voltar? Uma “casa” para onde queremos voltar é uma “casa que corresponde, é uma “casa” gerada por um Outro, onde Deus se justifica de modo tão suave que quase não nos damos conta. Para encontrá-la, bastaria seguir “o raio de luz e a luz te levará / onde a dúvida se torna pedido e o coração renasce: / [porque] no jardim está Deus à tua espera” (*Canzone del melograno*, letra e música de C. Chieffo). O que seria a vida se fôssemos habituados a surpreender o estilo suave de Deus em tudo o que acontece! Precisamos nos educar a uma outra vida!

Colocação: *Gostaria de ler a carta que uma amiga me escreveu: “Finalmente comecei a ler o livreto da Escola de Comunidade. Só isso, para mim, já é um passo, não porque alguém me impôs, não porque alguém me fez um discurso dizendo-me que deveria lê-lo, mas porque eu precisava. ‘Pecadores, ou seja, necessitados’. Passei o final de semana sentindo uma grande tristeza, a minha habitual tristeza, que me caracteriza, onde nada me basta, onde não vejo resposta para meu desejo de felicidade, onde não vislumbro o cêntuplo aqui, onde tudo me parece finito e tudo, portanto, vai contra o meu desejo de infinito, de um ‘para sempre’, a minha habitual tristeza que me faz sentir sozinha mesmo quando estou com os amigos. Neste final de semana isso se evidenciou mais. Então explodiu o grito, o pedido, como diz o texto. Abri o livreto dos Exercícios dizendo: quem sabe, aqui, possa encontrar uma hipótese, um ponto de onde recomençar e me olhar de modo diferente para ser feliz. E aconteceu. Comecei a ler as primeiras páginas e aconteceu o seguinte: por um lado, Carrón me consolou, quer dizer, senti-me compreendida e acolhida; depois de muito tempo não me senti errada, ao contrário, entendi mais a mim mesma, como sou feita; por outro, sinto-me sempre enganada, no fundo, e pesada por essa minha tristeza e pelo meu desejo de felicidade inexaurível, que nunca é saciado. Eu vivi a mesma coisa que viveram os discípulos. Encontrei Jesus quando estava em missão na América Central. Vivi com Ele, vi fatos e escutei palavras, fui abraçada e conquistada por Ele. Acreditava que era o suficiente, porém, depois de anos da minha volta, tudo isso não basta mais para responder à minha necessidade presente. A lembrança de um passado, embora fascinante, não basta para enfrentar o momento presente, não basta para vencer a solidão, o medo e a desilusão. Dou-me conta, portanto, de que preciso d’Ele agora, que a cada instante tenho necessidade de viver uma plenitude que preencha meu coração tão faminto. Mas nem sempre isso é possível, ou melhor, não me acontece a cada instante, nem sempre me é dado viver e*

reconhecer Cristo nos meus dias. A promessa do cêntuplo aqui é realmente possível para mim todos os dias? Porque, para mim, não parece concreto, cotidiano. São instantes, momentos do dia que desaparecem e me deixam pior do que antes porque sinto ainda mais fome, tenho ainda mais necessidades, ainda mais... O que é isto? Uma cilada? Uma condenação? Eu sei que no Movimento isso é um milagre, que a minha tristeza é o que me faz buscá-Lo cada vez mais. Porém, eu não aguento mais. Preciso respirar. Preciso ser feliz. Não suporto mais buscar, pedir, desejar um 'a mais' que nunca é suficiente. É pesado, para mim, sentir assim o drama da vida. Este vazio e esta tristeza que me são dados para lembrar-me de Quem preenche a minha vida, estão me matando. Pode me ajudar a olhar para isso? Pode me ajudar a entender como posso conviver com as exigências profundas e inextirpáveis do coração do homem, aquelas exigências pelas quais ele é perseguido, a despeito de mim, por uma inquietude insanável depois de qualquer conquista? Sim, eu tenho a postura que Carrón descreve: gostaria que Deus se justificasse comigo. Por que me fez assim? Por que me deu uma tristeza tão grande? Como saio dessa postura que me deixa presa, me fecha nos meus pensamentos e coloca Jesus na cruz? Um abraço”.

Carrón: Quando fiz os Exercícios da Fraternidade em Madri, uma moça deu um testemunho dizendo que encontrou o Movimento há cinco anos e que, durante vinte e seis anos buscou, e se perguntava: “Onde estava Deus durante aqueles vinte e seis anos?”. Poderíamos traduzir: como Deus se justificou durante aqueles vinte e seis anos? Eu lhe disse: “Ele estava aí, dentro de você, e a levava constantemente a buscá-Lo”. Nós consideramos óbvio que é essa tristeza que nos conduz constantemente a buscá-Lo: “A minha tristeza é o que me faz buscá-Lo cada vez mais”. Muitas vezes, a modalidade com a qual Deus se justifica, com a qual nos atrai em sua direção, é exatamente essa tristeza, é exatamente aquilo que nos falta. Porque não basta que tenha acontecido no passado, como diz a nossa amiga: “A lembrança de um passado, embora fascinante, não basta” para viver o presente. Mas o que pode levar a buscá-Lo mais senão essa falta, essa tristeza? Ajudemo-nos a entender o que Maria Madalena – cuja memória o Papa Francisco promoveu a grande “festa” litúrgica – compreendeu: “Durante as noites, no meu leito, busquei o amor da minha alma [...]. Vistes acaso aquele que é o amor da minha alma?” (*Can 3,1-3*). Por que O buscava? Por que Maria Madalena O buscava? Porque nada lhe bastava. Porque nenhuma outra coisa lhe bastava. Mas não vivia isso como uma desgraça, ao contrário, o percebia como o maior dom que Cristo lhe dava para despertar constantemente nela o desejo de buscá-Lo dia e noite. Se nós não entendemos isto, então sentimo-nos errados. Porém, quando deixamos entrar o novo olhar do qual falamos nos Exercícios, como diz a carta, assim que começou a ler o livreto, “senti-me compreendida e acolhida; depois de muito tempo, não me senti errada”. A pessoa começa a ter um juízo diferente sobre si, um olhar diferente sobre si. Mas isto, no tempo, decai: “Acreditava que era o suficiente”. Esse é o nosso problema. Como se o que tinha lhe acontecido na América bastasse, como se não tivesse necessidade de buscá-Lo mais. O que seria a vida, depois de ter vivido o que ela viveu lá, se não O buscasse mais? Como vocês veem, realmente temos dificuldade de entender isso. Deus se justifica chamando-nos constantemente.

Colocação: *Em uma das últimas Diaconias com os Universitários você insistia sobre a pergunta: “Aonde vocês O viram?”. Perguntou isto continuamente, insatisfeito com as várias respostas que lhe davam.*

Carrón: Para entendermos o contexto: uma estudante de Enfermagem, que passou por situações realmente difíceis no seu estágio em um hospital e diante do sofrimento que via, perguntava: “Onde Tu estás?”. A Diaconia daquele dia começou assim. E toda resposta – como você disse – parecia insuficiente para responder verdadeiramente àquela pergunta.

Colocação: *Eu estava ali assistindo, e tinha vontade de dizer: mas, que pergunta é esta?! Carrego tantas dores, tenho tantas coisas na cabeça, aonde O vejo? Vejo-O pintado na igreja, aonde O vejo? Ficava cada vez mais irritado. Porém, depois aconteceram duas coisas. Uma, foi que um amigo me telefonou e me contou um fato que aconteceu com ele. Estava voltando de trem para casa e ao seu lado sentou-se um imigrante. Começaram a conversar, conheceram-se e, durante a conversa, esse rapaz se abriu e ele realmente se comoveu. Depois, continuaram a conversa e meu*

amigo lhe ofereceu o jantar. De maneira muito simples, me disse: “Eu vi Cristo nessa minha atitude, porque, por mim, certamente não teria feito isso, não sou o tipo que procura estrangeiros nos trens, não me importa. Mas, vendo-me assim... Só pude olhar para ele daquela maneira porque fui olhado assim antes”. O fato de ser um amigo meu, em quem confio, com quem cresci, alguém que sei que não tem necessidade de inventar histórias, me fez acreditar no seu testemunho e não podia reduzir a coisa dizendo: ele é um visionário como os outros, um maluco, não vou dar atenção ao que ele diz. Isso me questionou muito. O segundo fato, é que alguns dias depois, passei por uma grande dor: minha namorada, com quem estava há anos, decidiu me deixar. Despertou em mim um desejo de ser feliz, de que tudo estivesse num caminho bom e continuasse num caminho bom, de não estar sozinho, de poder amá-la gratuitamente, de não perder tempo, de ser feliz dentro desta situação. Dizia a mim mesmo: o motivo de seguir Jesus é apenas por causa de uma plenitude, de uma alegria dentro da dor, senão, realmente não me interessa a pergunta: “Onde você O viu?”. E lembrei daquilo que você disse no final da Diaconia: “O que falta não são tanto ocasiões nas quais Ele se mostra, o que falta é o nosso senso religioso”. Isso me parece verdade. Porém, gostaria de saber se você poderia explicar isso um pouco melhor e se poderia também me sugerir uma linha de trabalho, porque percebo que sem responder a essa pergunta realmente não posso viver.

Carrón: Por que o seu amigo lhe impressionou quando disse: “Vi Cristo nessa minha atitude”? O que o gesto dele tem a ver com Cristo?

Colocação: *Meu amigo me dizia: “Retomei as anotações da Diaconia porque não queria perder a verdade daquilo que tinha me acontecido. Onde O vi? No fato de que um perfeito desconhecido tenha ficado comovido por me encontrar”. Depois, se corrigiu: “Não, antes disso, no fato de eu ter podido olhar para ele desse modo. Eu pude olhá-lo desse modo porque fui olhado assim por uma companhia cristã”.*

Carrón: Veem? “Pude olhá-lo desse modo”. Não basta que os fatos aconteçam diante de nós, não basta que a pessoa se encontre diante de “um nada / talvez uma pequena centelha / algo já vivido / uma paisagem”, não basta existir para a pessoa perceber que está bem. É preciso reconhecer. Não basta ter uma “casa”, é preciso que a pessoa a reconheça. É preciso um movimento do eu, que o eu seja capaz de interceptar a justificativa de Deus naquilo que acontece. É assim que Deus responde à nossa pergunta: “Onde Tu estás?”. “Não Me reconheces?”. O bonito daquilo que seu amigo diz é que pela diversidade do seu gesto começa a dar-se conta – até o dar-se conta acontece por graça – de que Cristo está presente. É como quando Maria Madalena foi alcançada por aquele “Maria!” de Jesus: toda sua humanidade foi exaltada e pôde reconhecê-Lo, foi facilitada pelo reconhecimento daquele “Maria!”. De onde se recomeça? Recomeça-se daquele gesto, de um sinal da realidade, “uma pequena centelha”, uma “casa”, um lugar, um relacionamento, pelo qual a explicação última daquela novidade não pode ser reduzida a uma interpretação minha ou a algo gerado pelo meu esforço: é Cristo que se documenta diante dos nossos olhos. A questão é como nós nos educamos cada vez mais a uma familiaridade para poder interceptar na realidade, em tudo o que acontece, em todos os fatos, a resposta à pergunta: “Onde estás?”.

Colocação: *No final de semana de 11-12 de junho, fui à peregrinação de Macerata-Loreto e foi muito bonito. Não sou uma pessoa esportiva e tenho muita dificuldade em caminhar, sobretudo quando se trata de caminhar durante nove horas seguidas. Portanto, estava muito cansada, mas enquanto caminhava tinha continuamente em mente o fato de que eu não era uma andarilha, não estava caminhando tanto por esporte, havia uma meta e ela era clara: estávamos indo à casa de Nossa Senhora, que nos esperava. Acho que nunca como naquela noite intuí o que quer dizer esperá-Lo dia e noite. Para mim, naquela noite, seguramente facilitado pela forma da peregrinação em si, ficou evidente o fato de que eu não esperava nada além d’Ele, tanto que quando finalmente cheguei, fiquei comovida de um modo como há muito tempo não me acontecia. Quando voltei para casa, na semana seguinte logo senti a diferença. Posso dizer que este é um período em que tudo está indo bastante bem: estou passando nas provas, tudo está bem com os amigos, com a família, em suma, tudo dentro da normalidade. Mas, assim que voltei, essa normalidade logo se revelou ser muito pouco. Na peregrinação senti-me tão plena, tão grata... Em*

suma, foi tão grande que todo o resto, inevitavelmente, revelou-se muito pouco. Nos dias sucessivos logo percebi como a minha espera era por outra coisa. Fazia bem aquilo que devia fazer, mas não estava esperando dia e noite. E isso realmente me impressionou, porque a realidade não mudou, as coisas que tenho diante de mim nestes dias são as mesmas que tinha antes de ir a Macerata, mas não bastam mais. O meu torpor, atrás do qual estava indo, o meu ir atrás cada vez mais não bastam mais. Isso é doloroso porque quando a pessoa vê uma coisa bonita, gostaria que fosse sempre assim, a todo instante. E eu espero sinceramente poder esperá-Lo dia e noite, mas percebo que não basta. Não é suficiente reconhecer ter mudado a minha espera, assim como não basta que eu apenas deseje mudar de posição. Isso está me aprisionando muito ultimamente e eu não gosto, porque, ao invés de ser uma pergunta que me abre, vejo que me fecha. Entendo que é uma posição que deve ser recuperada todas as manhãs, não basta que aconteça uma vez. Percebo que falta um passo meu para que esse esperá-Lo dia e noite se torne um hábito, mas não entendo qual é esse passo, não entendo como me desvencilhar destes pensamentos que me enterram.

Carrón: O que você aprendeu com isso, amiga? O que percebeu em você? O que permanece em você dessa experiência que não existia antes da peregrinação?

Colocação: *Seguramente o desejo...*

Carrón: Você disse, não deve inventar outra coisa.

Colocação: *O desejo de poder esperá-Lo dia e noite, como me aconteceu durante a peregrinação.*

Carrón: Isso não é um erro! Esse é o modo com o qual o Mistério gera o seu eu. “A realidade não mudou, as coisas que tenho diante de mim nestes dias são as mesmas que tinha antes de ir a Macerata, mas não bastam mais”. A modalidade com a qual o Mistério nos educa, com a qual desperta em nós o senso religioso, amigos, é esta. Por quê? Porque num determinado momento as coisas habituais não nos bastam mais. Então a pessoa começa a sentir uma dor porque lhe falta algo, mas percebe que nem mesmo isso é capaz de despertá-la mecanicamente para a vida. Além disso, você aprendeu outra coisa: que uma posição assim deve ser recuperada todas as manhãs. Nós sempre temos esta imagem: encontrei Cristo na América e me basta, fui a Macerata-Loreto e me basta. Não. Não basta. É preciso recuperar essa postura todas as manhãs. Quantas vezes você precisou recuperá-la durante as nove horas de caminhada? Muitas. A vida é esse caminho, pessoal. A vida é esse caminho! Então, não precisamos nos flagelar e nos repreender, é preciso recomeçar, é preciso recuperar a posição porque é só assim que se torna hábito, ou seja, a forma normal de dizer eu diante da realidade.

Colocação: *O encontro com os Universitários de CL (CLU) foi, para mim, a salvação, porque graças a essa companhia cada minuto do meu dia é colocado em discussão...*

Carrón: Então, para começar, o que ajuda você a se colocar em discussão, isto é, a recomeçar constantemente?

Colocação: *Há sempre um confronto sobre aquilo que acontece durante o dia e que não me deixa “em paz”, sou obrigada a dar um juízo sobre tudo o que me acontece, a partir do qual, depois, posso recomeçar nos momentos mais difíceis. E sou muito grata por isso porque, se fosse por mim, provavelmente deixaria a vida passar passivamente.*

Carrón: Atenção! Nós achamos que isso acontece automaticamente. Não, isso não é automático. Se não fosse constantemente recuperada, você deixaria “a vida passar passivamente”.

Colocação: *No entanto, graças a este encontro sou protagonista e não desejo nada menos. Essa companhia, para mim, é uma companhia que me leva a Cristo. Fortalecida por esta companhia, no mês passado comecei a fazer estágio num hospital. No primeiro dia de estágio, um querido amigo me disse: “Lembre-se de que você está ali não apenas para aprender, mas também para levar quem você é e aquilo que encontrou”. Parecia-me uma frase muito óbvia, mas depois, saindo do estágio, percebi que não era tão óbvia, porque o dia inteiro a minha tendência tinha sido olhar para o que os enfermeiros faziam, tentando aprender, mas sem olhar no rosto as pessoas que estavam na minha frente. Assim, no dia seguinte voltei com isso em mente e foi totalmente diferente. Estava trabalhando com uma enfermeira e havia no andar uma paciente do tipo que todos os enfermeiros detestam, porque toca a campainha pra tudo: para lhe darmos água, arrumar os*

travessieiros, etc; e, portanto, era sempre eu quem respondia à sua campainha. E todas as vezes que voltava do quarto dela, contava à enfermeira tudo o que acontecia com a paciente. Conteí que ela me deu algumas receitas e que, enquanto lhe fazia companhia no café da manhã, ela tinha repetido tudo apesar de, no início, ter afirmado estar sem fome. Quando chegou a hora do almoço, fui dar comida àquela paciente, mas, quando entrei no quarto, a outra enfermeira já estava fazendo isso, então, saí. Pouco depois, a enfermeira veio até mim e me disse: “Sabe, antes de hoje, só tinha dado de comer a meu filho e a mais ninguém”. Fiquei com lágrimas nos olhos: tinha bastado eu estar ali com o coração e olhar para aquela paciente a partir da sua necessidade de afeto e companhia, que se escondia por trás do fato de tocar sempre a campainha, para que também a enfermeira mudasse a maneira de olhar para ela. No final do meu turno, fui embora com uma colega de curso que está fazendo estágio comigo. Fiquei em dúvida se contava ou não a ela o que tinha acontecido, porque achava que ela não entenderia. Parei de problematizar e lhe contei tudo. No fim, ela me disse: “Nossa, que coisa grande você está me contando! Estou arrepiada”. Essa resposta foi muito inesperada. Depois, chegamos à sua casa e a conversa terminou ali. Porém, alguns dias depois, no fim do turno, disse que iria de novo com ela até sua casa porque precisava ir ao centro. Ela me perguntou por que estava indo ao centro e, depois da sua insistência, confessei que iria à missa com alguns amigos. Para meu espanto, imediatamente ela disse que iria comigo. No fim da missa, ela estava muito impressionada: “Não achei que fosse possível que numa terça-feira à tarde duzentos jovens fossem à missa. Fiquei de boca aberta”. Então, comecei a lhe contar o que era o CLU para mim, tentando chegar à raiz e lhe disse: “Ou somos duzentos loucos ou há algo de verdadeiro e sólido na base de tudo isso”. Num determinado momento, uma amiga minha se aproximou de nós e lhe perguntou por que tinha ido à missa, e ela respondeu: “Vim por causa dela [e me indicou]. Desde o primeiro dia do estágio, está sempre com um sorriso no rosto, não importa se o que lhe pedem para fazer é uma coisa boa ou ruim. Eu fiquei com inveja e a segui”. Fiquei muito comovida, porque sempre peço para ser Sua testemunha nas coisas cotidianas que me são pedidas e sempre me lembro das palavras finais da missa: “Que a alegria do Seu amor seja a vossa força”. Por isso, este sorriso nasce do fato de que para mim é claro por Quem faço as coisas e Quem me acompanha quando as faço. E, através dessa minha colega, percebi que fui espectadora do Seu modo de testemunhar-se aos outros e sou muito grata por isso.

Carrón: Percebem a cadeia de fatos? É a companhia do CLU que constantemente a coloca em discussão, porque, sozinha, viveria a vida passivamente. No entanto, “esta companhia é, para mim, uma companhia que me leva a Cristo”, ou seja, é o modo com o qual Cristo se justifica perante ela. Não tem nada de óbvio! E quando trabalha com a paciente que ninguém quer e conta à sua colega o que aconteceu, de um modo absolutamente suave a outra começa a interagir com a paciente que antes detestava e, pela primeira vez, lhe dá de comer, coisa que tinha feito apenas com o filho. E este estupor faz com que ela conte o episódio à jovem que estuda com ela. E depois, diante do arrepio desta última, que pergunta onde ela está indo, lhe diz: “À missa”. E o que a outra fez? “Fiquei com inveja e a segui”. Como o Mistério se justifica constantemente diante de nós? Assim, simplesmente, como a nossa amiga nos contou agora. E quando a ação de Deus encontra a simplicidade de coração em alguém – como nestas pessoas –, então a pessoa entende que tipo de novidade entra na vida e como todos se tornam uma cadeia de testemunhos que mudam a vida das pessoas que encontram. Obrigado, amiga.

Colocação: *Há cerca de um ano eu e minhas filhas frequentamos o salão de uma cabeleireira que segue outra religião. Foi ela que me disse isto durante um dos nossos primeiros encontros onde, conversando sobre a vida, eu falei de Jesus e de como determinava cada circunstância do meu dia. Tínhamos conversas muito difíceis, ela era muito fechada e sempre me repetia: “Você não vai me fazer mudar de ideia”, e eu sempre dizia que a minha intenção não era fazê-la mudar de ideia, mas simplesmente compartilhar com ela, que naquele momento me tinha sido dada encontrar, um instante do meu dia, levando a mim mesma e aquilo que determina a minha vida. Porém, o que mais me deixava triste era o seu fechamento e o forte juízo negativo sobre o resto do mundo, como definia qualquer pessoa que não tivesse aderido ao seu credo. Sempre que ia ao salão, dizia a mim*

mesma: desta vez eu vou, faço o cabelo e fico quieta porque é impossível ter uma conversa pacífica. Mas sempre acontecia algo e, aos poucos, fomos nos conhecendo melhor. Eu intuí que ela devia ser uma pessoa muito ferida e desiludida pelas pessoas que tinha encontrado até aquele momento e na citação contínua da Bíblia, interpretada como uma regra férrea a ser seguida, tinha encontrado quase um refúgio para a desilusão com as pessoas e um modo para responder ao seu evidente desejo de verdade e justiça. Alguns dias atrás minha filha mais velha me disse que teve uma conversa muito intensa e profunda com ela, disse que ficou impressionada e, ao mesmo tempo, muito feliz. Nestes dias, minha filha está nas montanhas acompanhando alguns colegas e, esta manhã, antes de irmos à missa, eu e suas irmãs lemos suas mensagens, e era evidente a sua alegria porque o relacionamento com seus alunos estava se tornando cada vez mais verdadeiro e profundo. Estar diante de suas necessidades com humildade e confiança no Senhor tinha permitido que mudasse também o relacionamento um pouco tenso com alguns deles. Contava-nos que estava impressionada em como o Mistério pode agir através do nosso frágil e pequeno sim. Ver acontecer tudo isso me comoveu muito. Depois da missa, tinha hora marcada com a cabeleireira. Assim que entrei no salão contei-lhe, ainda com lágrimas nos olhos, o que estava acontecendo com a minha filha naquele momento e falei da minha alegria por aquilo que o Senhor pode realizar. Ela olhou para mim, séria, e disse: “Sabe, outro dia, falando com ela, percebi que só com vocês eu vivo aquilo que Jesus disse: ‘Onde dois estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio deles’. Todas as vezes que nos encontramos, sinto exatamente isto: a Sua presença entre nós”. Eu a abracei e talvez tivemos a primeira conversa realmente serena, era evidente que nela não prevalecia mais o medo de ser julgada ou atacada, mas simplesmente sentia-se abraçada. Entre outras coisas, eu lhe disse: “Está vendo? Você, a sua pessoa, vem antes daquilo que você pensa ou acredita, e eu gosto de você simplesmente porque me foi dada assim como é”. Nesta noite recebi uma mensagem dela, dizendo: “Farei você derramar mais algumas lágrimas, mas preciso dizer que vocês são uma esplêndida família”. Imediatamente lembrei-me do que você disse na última Escola de Comunidade, que tinha relido pela manhã: “Nenhum tipo de discurso poderia ter abalado uma convicção tão arraigada. Foi um fato, uma presença que se revelou com toda a sua complexidade, que mudou toda a postura. Somente se estamos disponíveis a isso é que tudo é possível para Deus: inclusive vencer, uma vez após outra, o nosso ceticismo”. Que bonito o método suave que Deus usa para nos atrair a Si e nos fazer Seus! Que possamos sempre viver assim, abandonados em seus braços amorosos!

Carrón: Obrigado. No início do relacionamento com esta pessoa, se via somente fechamento. Depois, a introdução de um juízo torna-se, segundo o método suave de Deus, ocasião para ver uma mudança.

Colocação: *O Mistério deu-me a possibilidade de entender melhor, na experiência, um aspecto do nosso caminho. Sábado à noite tinha um jantar da escola com uma turma do terceiro ano. À tarde, depois da reunião com os professores da comissão de exames, estava cansado e também um pouco desanimado. Precisava daquele olhar que me faz viver porque me corresponde. Não havia tempo de voltar para casa para me recuperar e, então, pedi a alguns amigos que moram perto da minha escola se eu podia ir à casa deles para descansar um pouco, ou seja, para ter um momento de silêncio para olhar no rosto Aquele que me olha assim. Fiquei ali, lendo frase por frase a Introdução dos Exercícios da Fraternidade. Lentamente, um respiro e um olhar diferente começaram a surgir apesar do cansaço. O cansaço continuava ali, mas, por trás, havia uma paz e um respiro. Assim, cheguei ao jantar com essa paz no coração e eu e meus colegas sentamo-nos à mesa com simplicidade, junto com os pais que falavam de várias coisas. Um deles, por exemplo, me falou da sua decepção pela má gestão da situação de emergência dos imigrantes (um homem muito inteligente, mas também muito desiludido, muito irritado, que vê irresponsabilidade em tudo, com pouca esperança). Outro, ao contrário, falava da mudança da sua dieta e de todo o processo. Outro ainda, nos falava do seu incômodo em ver sua filha crescer. E, aqui, via a diferença no meu caminho. Um tempo atrás pensaria que a minha e a nossa contribuição era uma capacidade de responder, de oferecer dialeticamente uma palavra de esperança, de dar um juízo particularmente*

agudo ou inteligente ou uma formulação mais profunda. Porém, naquela noite com meus amigos e colegas, eu escutava tudo cheio de estima e vibração pelo homem que vive naqueles pais. Isso não é ausência de juízo, mas é a prevalência de um relacionamento dentro de um juízo, isto é, o relacionamento com o Mistério que me dá este instante, que me faz renascer neste instante. Assim, me tornava presente naquele momento, diante daqueles homens, me interessava por eles. Depois aconteceu a coisa mais inesperada e mais bonita: uma das mães pegou um violão e propôs que cantássemos. Então, saímos da sala e nos pusemos a cantar com os jovens. Começou uma roda de canto realmente bonita, inesperada. Na verdade, os jovens disseram: “Por que não fazemos algumas danças que fizemos durante os passeios?”. Os pais, de modo inesperado, se juntaram a eles, e eu e meus colegas entramos na roda também. Estávamos ali, despojados de qualquer imagem, de qualquer poder, dançando e cantando no meio dos pais e dos jovens, cheios de letícia por aquilo que estava acontecendo. O que estava acontecendo? Algo excepcional, um acontecimento correspondente, o de Cristo, que se fazia presente a nós e entre nós com a Sua beleza. Isso nos deixou ainda mais livres. E fiquei tocado pelo fato de exatamente aqueles pais com quem tínhamos conversado naquela noite, estarem nos olhando com um sorriso maravilhado no rosto. Em particular, me impressionava ver aquele pai desconfiado olhando para nós cheio de gratidão e, no fim da noite, receber um obrigado que era novo, era pleno. E exatamente o pai mais amargurado abraçou-me cheio de calor e reconhecimento. O que reconheciam aqueles homens? O que tinham visto? Eu julgo que estavam gratos pela coisa bonita que tinha acontecido, um acontecimento correspondente, novo e inesperado que tinha se dado ali e ao qual nossa pobre disponibilidade tinha dito sim do modo como somos. Isso dá esperança. E isso me ajuda a entender uma afirmação dos Exercícios, que está na página 12: “Para intervir realmente nas aflições humanas, para responder ao homem concreto com sua carga de fragilidade, a Igreja – portanto cada um de nós – precisa, antes de tudo, experimentar o abraço da misericórdia de Deus”, aquele abraço de que eu preciso e que experimentei no silêncio ao ler os Exercícios, ou seja, ao conviver com aquele olhar que me liberta, que me torna homem, de modo a poder comunicá-lo a todos os homens que são encontrados no caminho, chegar a todos por meio dos Seus, ou seja, por meio da Igreja, pobres como somos, a companhia daqueles que O reconhecem. Em suma, o que me toca é que essa contribuição, essa colocação, não é uma dialética, mas uma presença diferente, vibrante, viva, humana e disponível, por causa do respiro que experimentei.

Carrón: De onde se recomenda? Sempre de um lugar, de uma “casa” para onde a pessoa pode voltar, qualquer que seja a situação de cansaço, para retomar fôlego, para retomar aquilo que nos dizemos, para começar, depois, a entrar na realidade com um respiro novo, porque entrando desse modo, com a prevalência de um relacionamento dentro de um juízo, naquela noite muitas pessoas voltaram para casa diferentes, mudadas: por causa de uma presença diferente, não por causa de um discurso. Este é o método. Este é o estilo suave de Deus que nós precisamos constantemente reaprender para que os homens que encontramos (que são assim: um desiludido, outro incomodado, outro insatisfeito) possam encontrar no nosso olhar a misericórdia que nós recebemos.

Então, as férias que se aproximam são uma belíssima ocasião para todos nós para vivermos episódios desse tipo, para encontrar muitas pessoas diferentes, novas, nos lugares em que cada um irá e, portanto, para verificar ainda mais se o método de Deus realmente funciona, para verificar que Deus continua a se justificar diante dos nossos olhos se nós aceitamos reconhecê-Lo com a simplicidade que vimos nos testemunhos desta noite, vendo a modalidade com a qual as pessoas mais simples seguem esses sinais, esses vislumbres, que podem ser quase “um nada”. Muitas das coisas que escutamos esta noite são quase um nada, mas que mudança introduzem, e que bem essa mudança representa para os outros, apenas porque a misericórdia de Deus continua fazendo-se presente! “Onde estás?”, perguntamo-nos tantas vezes. É como se o Mistério nos dissesse: “Mas, não Me vêes? Não Me reconhecetes?”. O verão enquanto tempo livre, portanto, enquanto o tempo que cada um organiza como quer, é uma ocasião preciosa para perceber aquilo que acontece diante dos nossos olhos. Se não, ao invés de estarmos cheios de fatos com os quais Deus se justifica diante de nós, voltaremos para casa mais desiludidos (porque estar de férias em si não é suficiente, o repouso

das férias não é suficiente para despertar a vida e torná-la plena da beleza da qual ouvimos falar esta noite). Por isso precisamos da misericórdia.

AVISOS:

Escola de Comunidade. O trabalho da Escola de Comunidade sobre o texto dos Exercícios da Fraternidade continuará também durante o verão: até o fim de julho trabalharemos sobre a primeira meditação (pp.19-38) e sobre a primeira pergunta/resposta da Assembleia (pp. 65-68). De agosto ao final de setembro trabalharemos sobre a segunda meditação e sobre as outras perguntas da Assembleia (pp. 45-64; 68-79). Poderemos verificar se também durante o verão, ou seja, no tempo livre, sentiremos saudade d'Ele. Como dizia Dom Giussani: o tempo livre é o tempo mais bonito, porque cada um de nós verifica o que tem de mais caro. Se durante as férias, no tempo livre, não tivermos necessidade de buscá-Lo dia e noite, estaremos dizendo a nós mesmos e aos outros o que realmente buscamos.

Férias comunitárias. Para nos ajudarmos a este trabalho, a termos esta atenção, as férias comunitárias terão como tema: “Quando descobrimos que precisamos da misericórdia para viver?”. Escutamos muitos exemplos esta noite. A pergunta, repito, é para nos ajudar a uma atenção, e a um reconhecimento.

Livros para o verão [europeu]:

- *Amoris laetitia*, a Exortação apostólica pós-sinodal de Papa Francisco. Como dizia alguns dias atrás no CLU, ela não diz respeito apenas àqueles que já são casados, mas também àqueles que estão noivos ou que ficarão e a todos nós, que nos relacionamos com as pessoas. Pode interessar a todos, porque todos nos relacionamos uns com os outros.
- *Gioventù Studentesca. di un movimento cattolico dalla ricostruzione alla contestazione*, de Marta Busani, edição Studium. O livro também está disponível em e-book.
- *Francesco e il sultano*, de Jeusst Gwenolé, Jaka Book. É uma investigação histórica muito bem documentada sobre esse episódio da vida de São Francisco, escrita como romance. Pode nos ajudar a entender qual é a modalidade com a qual uma presença original como a de Francisco colocou-se diante do mundo islâmico, que muitas vezes nós também encontramos no nosso caminho.
- *Cani perduti senza colla*, de Gilbert Cesbron, Bur – Biblioteca do Espírito Cristão
- *Os Miseráveis*, de Victor Hugo [Sugiro também o filme *Les Misérables*, de Tom Hooper (USA-UK, 2012), DVD – Universal, que podemos assistir e propor nas férias].
- Para o CLU e os Colegiais, em particular, *Miguel Mañara*, de O.V. Milosz, Jaka Book, uma obra sobre a misericórdia.

Meeting de Rimini. Acontecerá de sexta-feira 19 a quinta-feira 25 de agosto de 2016. Lembro a todos a importância de participar pelo menos um dia.

Para celebrar o Jubileu da Misericórdia propomos em cada região da Itália e no mundo, uma peregrinação em unidade – adultos, CLU e Colegiais –. As secretarias regionais do Movimento darão indicações de data e lugar onde acontecerão as peregrinações regionais. Para a Lombardia, acontecerá em Caravaggio, no dia 1º de outubro. A peregrinação é a modalidade com a qual começaremos o ano social de 2016 e, por isso, substituirá a habitual Jornada de Início de Ano.

Por último, acredito que todos devemos agradecer as muitas pessoas que com sua disponibilidade permitiram aos vários grupos poder acompanhar todos os meses a Escola de Comunidade via internet. São mais de duzentas, na Itália. É um exemplo simples de afeição ao Movimento.

Boas férias a todos!
Veni Sancte Spiritus